

Fábio Ribeiro Mendes

Meu filho não quer estudar



2013

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. POR QUE ESTUDAR?	12
a) A resposta não é óbvia	12
b) Hipocrisias sobre o estudo.....	14
c) Mito: “os alunos que não querem nada com nada”.....	19
d) Internet, redes sociais e jogos eletrônicos	20
e) Expectativa de vida e mercado de trabalho.....	23
f) Autonomia no horizonte	26
2. POR QUE SEU FILHO NÃO ESTUDA?	29
a) Por que você não estudava?.....	29
b) Da empolgação à desilusão	31
c) Dever de casa, por que não fazem?.....	33
d) Adolescência, rebeldia e identidade.....	34
e) O que faz o estudo ser chato	36
f) Estudo produtivo e motivação.....	38
3. AFINAL, COMO AJUDÁ-LO?	40
a) O papel dos pais	40
b) Aulas, aulas e mais aulas... essa é a solução?.....	42
c) Estimular sem pressionar	44
d) Ambiente de estudo	47
e) Material de estudo.....	48
f) Horário de estudo e do sono.....	49
g) Computador: ajuda ou atrapalha no estudo?.....	51
4. ESTUDO, LIMITES E AUTONOMIA	54
a) Cilada para pais.....	55

b) O que é autonomia?	57
c) Deve-se impor limites?	59
d) Autodisciplina e autonomia no estudo	63
e) TDAH	64
5. ENTRANDO EM ACORDO SOBRE O ESTUDO	69
a) Por que esse acordo é tão difícil?	70
b) Guia para a quebra de confiança	72
c) Guia para fortalecimento da confiança	75
d) Acompanhar o estudo através das anotações	77
e) Método de acordo sobre o estudo	82
e. 1) O ritual	82
e. 2) Conhecer a rotina	83
e. 3) Estipular número de sessões de estudo	84
e. 4) Estudo X dever de casa	86
e. 5) Dar espaço para escolha de horários	87
e. 6) Acordo sobre consequências	88
e. 7) Assinatura e cumprimento	91
6. CASOS PRÁTICOS – DE A A Z	95
a) Meu filho não se importa com os estudos	95
b) Os colegas fizeram um pacto por notas ruins, e agora?	96
c) Meu filho recusa-se a fazer qualquer coisa que combinamos	97
d) Conheço meu filho: ele não vai levar a sério o acordo	98
e) Temo que não aceite as consequências	99
f) Será que meu filho tem maturidade para entender esse acordo?	100
g) Minha filha faz tudo com empenho, menos o estudo	101
h) Meu filho usa Ritalina e não há uma melhora suficiente no estudo	102
i) O médico prescreveu Metilfenidato, mas não me sinto segura quanto a isso	103
j) Minha filha tem verdadeira fobia por Matemática!	104

k) Aulas de reforço escolar são recomendadas?	105
l) Minha filha já tira notas excelentes e se recusa a estudar mais	106
m) Gostaria que minha filha estudasse menos.....	107
n) Minha filha lê muito, mas não gosta de estudar	108
o) Não tenho tempo para acompanhar o estudo do meu filho.....	108
p) Se não estou em casa, meu filho não estuda.....	109
q) Filhos com desempenhos escolares opostos	110
r) Crianças sobrecarregadas de atividades extras	111
s) Meu filho está sempre no celular	112
t) Idade para o filho ter um celular e levá-lo para a escola	113
u) Família toda conectada à internet	114
v) Fico preocupada com o tempo no computador e os jogos violentos	114
w) A partir de que idade posso exigir estudo e uma rotina?	116
x) Meu filho não consegue dormir mais cedo	117
y) Meu filho treina para ser jogador de futebol profissional	118
z) A escola não me dá suporte	119
CONCLUSÃO	121
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	124
APÊNDICE	126

Introdução

O amor que temos pelos nossos filhos é infinito. Desde o momento que sabemos que teremos um filho, notamos que não somos mais senhores absolutos de nossas vidas: “de agora em diante, há mais alguém, uma pessoa que depende mim”. A responsabilidade de ser pai ou mãe, seja biológico ou de coração, é, também, infinita. Aquela pequena criança irá viver sua vida de acordo com o que tiver aprendido conosco, com nossas *palavras* e *atos*. Errar na educação é, portanto, um pecado e tentamos, de todas as formas, fazer o melhor que conseguimos. O problema é que o mundo é muito maior do que nosso entendimento. Mesmo tentando acertar, estamos sujeitos ao *erro*. A consciência do erro, somada ao senso de responsabilidade e àquele amor infinito, pode levar ao sentimento de *culpa*. Já escutei um ditado que dizia: “ser mãe é sentir culpa”. Precisamos ter cuidado com esse sentimento.

Educamos nossas crias do modo que somos capazes, baseados nos conceitos que temos, e torcemos para acertar. Sim, *torcemos*, porque não há garantias: apenas a vida mostrará se os ensinamentos valerem, apesar da boa intenção. O instinto de proteção não é garantia de que os atos que decorrem dele serão acertados. O grande medo é que o alvo pode não ser atingido. A consequência seria que, mesmo imbuídos daquele

amor, podemos vir a notar que nossos queridos filhos escorrem por entre nossos dedos, como ocorre com um punhado de areia fina. Nosso *instinto* nos leva a tentar mantê-los sob nossa guarda e agimos confiando no amor que temos, mas, novamente, a areia escorre e pode ir se perdendo. Um dia, notaríamos que eles não nos escutam mais e não entendemos a sua linguagem. A proximidade cotidiana seria aparente, porque um *abismo* viria a existir entre pais e filhos. Abismo cultural, abismo de interesses, abismo de sentimentos, abismo de palavras e silêncio, às vezes escondido em sorrisos e abraços – sorrisos amarelos, abraços sem ternura. O que poderiam os pais temerem mais do que isso? Nós os amamos e os queremos felizes, realizados, confiantes e que notem em nossa mão um apoio, não um peso!

O medo em perder contato com o filho pode levar os pais a “aceitá-lo tal como é”, ainda quando ele mesmo não descobriu sua identidade. Em outras palavras, temendo a revolta do filho, seu distanciamento, os pais podem aceitar que o filho talvez não precise de educação, e alimentam uma disposição para aprovar tudo o que filho faz, descontraindo em momentos de tensão. O fato é que *educar* requer ensinar que o desagradável faz parte da vida, mesmo sabendo que, no dia a dia, certos temas geram desconforto! “Já passamos tão pouco tempo juntos... não quero lhe dar uma bronca”, pensam os pais, notando *o que deveriam* fazer e *não fazem* por medo de criar uma distância que não possa ser recuperada. Infelizmente, não notam que, agindo assim, abrem mão de educar o filho. A ironia disso tudo é que, ao ver essa atitude da parte dos pais, o filho entende ou “que sabe tudo” ou que “meus pais não se dispõem a ensinar o que é correto”. Em ambos os casos, cria-se, então, a distância tão temida, de forma

trágica. Os filhos forçam os pais a lhes darem limites e esses, outra vez temendo perdê-los, afrouxam os laços que manteriam suas crias ligadas a eles.

Acontece que essa ligação entre pais e filhos não se dá com momentos alegres, mas com momentos de verdade, ensinamento, nem sempre agradáveis, mas *educativos*.

Dentre todos os ensinamentos que temos para oferecer, pelo menos um deles pode ser considerado comum a todas as famílias: que é preciso *estudar*. Sabemos que o estudo é fundamental para o futuro dos filhos e tentamos, de todas as formas, *estimular* essa atividade. O problema é que o entusiasmo inicial constatado nos primeiros momentos de vida escolar logo se esvai. Tentamos acompanhar, estudar juntos, ver cadernos, estar próximos. No entanto, eles passam a ver esse interesse apenas como cobrança, que parecem não entender. A insistência cria um *atrito*. O assunto “estudo” se torna, infelizmente, uma zona de conflito e desentendimento.

Assim, de todos os temas da vida cotidiana, é justamente o estudo que mais facilmente se candidata a um ponto de distanciamento. A razão disso é que, ao contrário de outros ensinamentos que temos que passar, o estudo *tem* um resultado claro e objetivo: o desempenho escolar. Se as notas do boletim *não* são boas, os *pais* não têm como evitar tomar partido e requisitar que o filho *corrija* seu comportamento. Dessa forma, mesmo tendo uma boa relação com os filhos, é comum o caso em que o estudo se transforma em um assunto “tabu”, que gera conflito se abordado. O problema é que, a cada trimestre e no final de ano, é um assunto *obrigatório*, pois não podemos relativizar o fato de as notas não serem as esperadas. Então, a exigência do estudo transforma-se em um terreno minado.

Por que, simplesmente, pais e filhos não sentam, conversam e *se entendem*? Por que, mesmo depois de tantas conversas, *os filhos não estudam*?

Uma das grandes causas desse impasse é a *falta de conhecimento*, de ambas as partes, sobre o estudo. Saber que “é preciso estudar” é *muito pouco* para que saibamos como acompanhar o estudo e para que o filho consiga realizá-lo de forma proveitosa e com gosto. Afinal de contas, por que estudar é tão importante em uma época de acesso ilimitado à informação? Por que o filho deve estudar um conteúdo se já aprendeu em aula? Qual é o melhor método de estudo? Há um horário correto para se debruçar em livros? E, falando neles, nos livros, eles podem ser o único material de estudo ou o computador também é útil? As redes sociais podem ser usadas para aprendizado? Tais tecnologias ajudam ou atrapalham o estudo? Essas e outras perguntas não são marginais: são *básicas*! Sem ter uma ideia de como respondê-las, não bastará ter boa vontade da parte de pais e interesse da parte dos filhos. Depois de um tempo, o estudo tenderá a ser deixado de lado.

Este livro vem auxiliar pais, mães e responsáveis a entenderem por que motivos os filhos não estudam para, a partir desse entendimento, serem capazes *enfrentar* os problemas do estudo com *resultados concretos*. Inicialmente, no primeiro capítulo, o assunto é entender qual o *papel do estudo* no contexto do século XXI, a era na qual a informação está acessível a todos e as revoluções tecnológicas se sobrepõem. Em seguida, somos levados a refletir sobre por que, nesse cenário tão estimulante, nossos filhos não se motivam a estudar. O terceiro capítulo trata de qual o papel dos *pais* nesse processo de construção de *hábito de estudo* e como podemos ajudá-los. Após, há a introdução, discus-

são e aplicação do conceito central para a educação em geral, o desenvolvimento da *autonomia* e como ele se relaciona com a imposição de limites e o estudo. O quinto capítulo possui a importante tarefa de mostrar como o que foi visto nos anteriores pode ser realmente *aplicado*: é a hora de tratar de um método para entrar em *acordo* com o filho sobre o estudo. Finalmente, este livro se fecha com a exposição de *24 casos práticos* de problemas com o estudo dos filhos, que são comentados e ligados aos capítulos anteriores. Se desejar, o livro pode começar a ser lido por qualquer uma de suas partes ou partindo de um problema específico elencado no último capítulo.

Adiante parte da conclusão: o que se mostra um problema de estudo acaba se revelando algo mais profundo. O que está em jogo é o modo como nos relacionamos com nossos filhos ao tentar educá-los para uma era diferente de *qualquer* outra já vivida pela humanidade. É uma época magnífica, de velocidade, incerteza, desafios e, provavelmente, muitas dificuldades para escolhermos o melhor caminho. Diante disso, precisamos ter a confiança de que, acima de tudo, educamos nossos filhos para serem livres, felizes e *donos de suas escolhas*. Nada pode se sobrepor a isso, nem mesmo nosso medo em perdê-los. Na verdade, é o medo, esse sentimento que nos leva à passividade e à paralisia, que pode criar o mencionado abismo com aqueles que amamos. E, se tal abismo já existe, é pelo entendimento e humildade que poderemos combater o medo e retomar o contato perdido.



1. Por que estudar?

A preocupação com o estudo dos filhos é natural, já que são os aprendizados da infância e da juventude que formarão o adulto de amanhã. No entanto, apesar de natural, da mera preocupação não decorre que saibamos *como* agir. Nossa vontade em ajudar nossos filhos, essa ânsia, pode impedir que vejamos todo o contexto no qual a necessidade de estudo se insere. O resultado é que gastamos energia e, muitas vezes, não obtemos o resultado pretendido. Assim, antes de tratar do problema do estudo do filho – ou da falta de estudo – é fundamental recuarmos um passo para considerar o quadro mais amplo.

Convido-o a respirar fundo e, com calma, digerir cada um dos pontos que apresento a seguir. Sem isso, a ação, mesmo que bem intencionada, tende a não atingir o alvo. O maior prejudicado, como sempre, são elas: nossas queridas e amadas crias. Deixemos de lado nossas certezas e, juntos, mergulhe-mos no oceano de dificuldades profundas que estão por trás da pergunta: afinal, por que estudar?

a) A resposta não é óbvia

O primeiro passo para entender por que seu filho não estuda é notar que este assunto, o estudo, nada tem de óbvio.

Assumimos que basta falar sobre a necessidade do estudo para justificar nossa insistência que ele fique no quarto, baixe a cabeça e estude. Contudo, uma série de perguntas ficam em aberto, como essas:

- *Como* estudar?
- O que *conta* como estudo?
- O que deve ser estudado?
- Qual a *profundidade* do estudo a ser realizado?
- Como saber se o *aprendizado* realmente ocorreu?
- Quando *acaba* o estudo?

A todas essas perguntas, pode-se acrescentar uma última, talvez a mais importante: afinal de contas, *por que estudar*? Antes de nos apressarmos dando a resposta pronta “porque é importante para o futuro, porque é preciso ter uma profissão ou ser alguém na vida”, vale a pena parar e *refletir*. Será que o estudo de qualquer conteúdo *vai* ser fundamental para o futuro do nosso filho? Será que ele “passar no exame” se relaciona *diretamente* com seu sucesso? Será que esse estudo que ele realiza para passar no exame se converte em *aprendizado* (ou é mera “decoreba”)?

O fato é que vivemos em uma época de acesso ilimitado à informação, que pode ser obtida instantaneamente. Isso é novo, *muito* novo. Na verdade, esta é a primeira geração na história da humanidade que se pode, durante os anos escolares, encontrar instantaneamente a resposta a praticamente qualquer pergunta feita em sala de aula sobre os conteúdos curriculares. É importante questionar-se: em um mundo com tal abundância de informações, por que motivo estudar? A

resposta existe, mas não é óbvia. Há alguns anos atrás, sem a internet e sua busca instantânea, uma boa resposta para os jovens seria: “é preciso estudar e saber tudo o que é ensinado na escola, pois essa é a grande oportunidade para aprender uma série de coisas que, um dia, poderão ser úteis no seu futuro, seja na vida profissional, pessoal ou pública”. Entretanto, hoje em dia, a resposta do aluno a essa justificativa é simples: “Ora, se eu precisar no futuro, procuro no Google!”.

Então, quando o assunto é a necessidade do estudo, não basta dizer para o filho estudar e se surpreender com sua falta de interesse. Será preciso entender por que ele não estuda e, a partir daí, encontrar caminhos para ajudá-lo a desenvolver essa capacidade que, como irei argumentar, nunca foi tão *fundamental*.

Vale o alerta: não tome a necessidade do estudo como uma obviedade.

b) Hipocrisias sobre o estudo

Após reconhecer que o assunto é complexo, precisamos parar para pensar se *realmente* acreditamos em tudo o que dizemos aos filhos. Sim, isso mesmo: na ansiedade para que estudem, acabamos lançando mão de uma série de frases que nos foram ditas em nossas épocas escolares, sem refletir se elas realmente se mostraram verdadeiras ou não. Além disso, muito do que foi válido na nossa criação, em nosso tempo, pode não valer mais, já que os tempos mudaram. O risco é repetir as mesmas frases como se fossem verdades absolutas, notando que elas não “encaixam” para motivar nossos filhos e, ainda sim, continuar a repeti-las. Essa postura *hipócrita* acaba mostrando para nossos filhos que não sabemos exatamente

do que estamos falando, que não escutam os que dizem, que não notamos que os tempos mudaram.

Quais são as hipocrisias mais comuns? Seguem algumas frases e uma breve análise sobre cada uma delas.

- “*Aprenda tudo o que puder, pois pode ser útil em seu futuro!*”: Costumamos dizer que o conhecimento adquirido na escola se justifica por causa da sua possível utilidade futura. Todavia, é preciso parar e refletir se isso *de fato* ocorreu conosco! Será que tudo o que aprendemos no colégio foi útil? Quantos conteúdos sofremos para colocar na cabeça e nunca foram utilizados? Quantas aulas foram realmente dignas de serem chamadas “memoráveis” ou nos ensinaram “lições de vida”? Finalmente, podemos notar que, se houvesse Google em nossa época escolar, a possibilidade de em segundos ter acesso àquele conteúdo realmente cortaria grande parte de nossa motivação para estudar aquelas matérias que (até hoje!) não temos afinidade. Isso ocorre com nossos filhos.

Na época do vestibular e do Enem, é comum usar a variação “*aprenda tudo o que puder, porque o vestibular e o Enem estão aí!*”. Nesse caso, mesmo que possa ser mais efetivo diante da relação mais direta entre conteúdos e resultado, a hipocrisia está em outro ponto. Afinal, o aprendizado da escola se justifica *apenas* pela entrada na universidade? Qual o valor ou significado do que se aprende dia a dia após anos acordando cedo? O cuidado é para não reduzir a importância do estudo à entrada em um curso superior, pois o filho pode somente dizer, para acabar com a pressão, que vai entrar em um curso pouco concorrido, que determinada matéria não tem peso (e não precisa ser estudada) ou que não vai fazer faculdade.

- “É preciso ir bem *em todas as matérias, sabendo todos os conteúdos, porque esse aprendizado poderá ser importante*”: Essa frase parece a anterior, mas adiciona um elemento. Segundo ela, “ir bem” significa “saber os conteúdos” e “aprender”. Cuidado! Note que, se você acabou o Ensino Fundamental, é porque passou em todas as provas. Contudo, abra um livro de 8ª série (ou 9º ano) e descubra que uma parte imensa do conteúdo foi *esquecido*! Sim, esquecemos de grande parte do que foi aprendido no colégio! Isso é um fato. Lembre-se das épocas de provas, do desespero coletivo em “saber tudo” e de, no mês seguinte, no novo trimestre, a necessidade renovada de aprender mais e mais e mais conteúdos, para fazer mais e mais e mais *e mais* avaliações. O resultado desse processo é o desenvolvimento da habilidade de reter na memória uma enorme quantidade de dados por um tempo muito *limitado*, apenas isso. Pouca coisa permanece. Assim, notas no boletim atestam um bom desempenho (são um indicador importante), mas não significam aprendizado “para a vida toda”.

- “Quando eu tinha sua idade, prestava atenção na aula e, no início de todas as tardes, estudava 2 horas, todos os dias... por que você não faz o mesmo? Não é tão difícil assim”: É absolutamente natural apelarmos para nossa experiência pessoal para educarmos nossos filhos. Contudo, é preciso ir com cautela. Em primeiro lugar, nós somos pessoas diferentes dos nossos filhos e o que vale para um não precisa valer necessariamente para o outro. Pode ser o caso, por exemplo, de eu me sentir bem disposto após o almoço o suficiente para estudar, por causa da fisiologia do meu organismo, meu metabolismo, enquanto meu filho é diferente.

Em segundo lugar, e esse é o mais importante, precisamos notar que as épocas *são diferentes*. Atualmente, o acesso ao en-

tretenimento é muito mais abundante e os jogos muito mais atrativos. Há alguns anos, quando eu era estudante, entre uma explicação e outra do professor eu sentia vontade de conversar com meus amigos. Da minha posição em sala de aula, eu podia tentar falar com 4 colegas, os mais próximos. Algumas vezes, as conversas e piadas eram tão boas que era difícil me concentrar na aula. O que teria sido de mim se eu tivesse em mãos um celular e pudesse trocar mensagens, não com 4, mas com 40, 100 ou 400 *colegas*? As piadas não teriam fim; sempre alguém diria alguma coisa interessante; sempre estaríamos comentando alguma coisa ou combinando algo para o recreio ou depois da aula. Quando eu chegava em casa, podia assistir televisão, jogar um pouco de vídeo game (dos mais antigos), inventar alguma coisa para fazer e, quem sabe, fazer o tema (estou sendo sincero nessa ordem de tarefas). E se, naquela época, eu pudesse sentar no computador e ter acesso a todos os vídeos, músicas e jogos que quisesse, ao mesmo tempo em que conversava com todos meus 40, 100 ou 400 amigos, todos falando com todos, todos indicando o que há de mais engraçado, divertido, interessante (e mesmo o mais proibido) *a todo instante*? Ora, minha televisão tinha 5 canais, hoje elas tem quantos? Noto que ficaria muito, muito, muito mais difícil parar para estudar. Hoje, nessa época, é mais difícil concentrar-se no estudo por causa do acesso ilimitado ao entretenimento. A nossa experiência pessoal é *menos* válida do que gostaríamos de supor.

- “*Se você não estudar, não vai ser ninguém na vida*”: Isso é algo que pode ser dito de forma legítima para alguém que não estuda nada ou que está abandonando os estudos escolares. Fora esses casos extremos, é difícil manter que “ser alguém na vida” decorre *necessariamente* das boas notas na escola. Não

estou dizendo que não haja uma relação, mas sim que ela não é tão direta como muitas vezes queremos acreditar. Há muitos casos de gênios absolutos que na escola eram terríveis – como no caso do Einstein – e de outros que largaram os estudos universitários – como o hoje celebrado Steve Jobs. Entretanto, não é preciso ir tão longe para encontrar exemplos. Pense se seu sucesso na vida profissional e pessoal *se deve* ao sucesso escolar. Pense se as lições do colégio *se converteram* nos atributos e habilidades que lhe permitiram construir sua vida. Pense em quantos colegas com desempenho escolar sofrível *conseguiram* seguir bem fora dos muros da escola. Afinal, será que a carga de “ser alguém na vida” pode (ou deve) ser jogada nas costas de um jovem porque ele se recusa a ler o livro de literatura ou estudar a industrialização da Europa?

O resumo dessa seção é aceitarmos que: i) *não nos lembramos* de grande parte do que aprendemos no colégio, mesmo tendo passado nas provas; ii) boa parte desses conteúdos esquecidos *não fizeram falta*; iii) se vivêssemos nesta época de entretenimento e acesso instantâneo à informação, talvez nossa vida escolar fosse radicalmente diferente; e iv) o sucesso escolar *não determina* o sucesso pessoal e profissional.

Alguns pais podem ficar um pouco perplexos neste momento. Afinal de contas, *o que resta* para motivar nossos filhos se nenhum desses argumentos é suficiente? Antes de choramingar que “na minha época eles funcionavam” (*chega de pensar em outra época!*), saiba que há sim caminhos para motivar os filhos a estudar, mas é um caminho mais complexo e, talvez, mais pessoal e menos hipócrita do que aquele que *serviu* para nos motivar.

c) Mito: “os alunos que não querem nada com nada”

Algumas vezes, escuto uma opinião terminativa, geralmente resultante da percepção de que as frases anteriormente comentadas não surtiram o efeito esperado. Dizem assim: “não adianta... hoje, os alunos não querem nada com nada, não se importam com o futuro, não querem saber de estudos... para eles, *tanto faz*”. Sou da opinião de que é preciso separar o que *vemos* e o que *causa* esse fenômeno. De outra forma, que caminhos temos para seguir em frente?

O que *vemos* são alunos agitados, com dificuldade em ficarem concentrados no que o professor diz, sempre pensando no imediato, recusando ou retrucando falas sobre o futuro, que se conformam com notas medianas (algumas vezes medíocres) e não largam o celular. Segundo a perspectiva de algumas décadas atrás, e seus argumentos, esses alunos parecem não se interessar pelo estudo.

A *causa* desse fenômeno, acredito eu, é uma busca constante em encontrar conteúdos que sejam realmente *significativos*. Na maior parte das vezes, o que o colégio traz não tem significado por causa do acesso à internet, que, para os alunos, aparece como “solução” para encontrar respostas para todas as perguntas que lhe forem feitas. Também, na maior parte das vezes, o que os filhos e alunos vêm como significativo é o que os entretém e o que mata sua curiosidade de jovem. Isso é encontrado na internet e mesmo em programas de televisão. O interesse por “futilidades” pode ser uma marca de desespero por entender e saber agir em grupos de pessoas, de desenvolver habilidades sociais, entender o “mundo social” novo que se faz presente no século XXI. O fato é que, se for oferecido a esses jovens conhecimentos que os ajudem a *entender* ou a

se movimentar nesse mundo tão diverso, *eles terão o interesse que tentamos despertar*, talvez até mais vívido do que nós mesmo tínhamos. A diversidade e incerteza dessa época leva-os a um *frenesi* desesperado por *significado*. Como eles não têm encontrado, parecem não se deter em nada.

Precisamos ser humildes e admitir: talvez estejamos, nós adultos, olhando para um mundo realmente *novo*, que *não compreendemos*, de forma *arrogante*. Talvez nossa bagagem de experiências e lições não seja assim tão válida para as décadas que se seguem como gostaríamos de imaginar. Precisaremos ali vasculhar para encontrar o que realmente ainda pode ser utilizado. Tenhamos humildade, pelo bem dos nossos filhos!

d) Internet, redes sociais e jogos eletrônicos

Para entender o modo de vida de uma criança ou jovem no século XXI, a base é perceber a força, alcance e penetração da *internet* na vida cotidiana. Não, ela *não* é só entretenimento, mas sim um mundo de possibilidades de comunicação, informação, produção conjunta, compartilhamento de dados, de humores e de opiniões como *jamais* foi visto na história da humanidade. A internet é uma plataforma que integra a comunicação por todas suas formas (texto, som, imagem e vídeo). Isso tudo com pouco ou nenhum custo e instantaneamente acessível. Ela permite a comunicação em massa de indivíduo para indivíduo, formando uma comunidade de pessoas que se integra e se identifica por meio do que *compartilha* (é bom lembrar: sem custo e instantaneamente!). Por isso, crescer, desenvolver-se e amadurecer em um mundo com internet pode ser considerado radicalmente *diferente* das eras anteriores. Sendo tudo acessível, a criança ou jovem que procura sa-

ber sobre sexo, por exemplo, consegue obter essa informação, de uma forma ou de outra. Um pai que, diante da pergunta constrangedora, se limita a dizer “isso não é para criança da tua idade” apenas *expõe* o filho a uma busca na rede sem critérios, imatura e perigosa pela informação negada. Basta uma palavra no buscador para ele ser impactado por qualquer coisa que seja. Sim, a internet permite que nos eduquemos a revelar do que pais e mestres nos ensinam. Em muitos casos, não será uma boa educação.

Outro ponto fundamental para entender as crianças e jovens é perceber a qualidade, a complexidade e o decorrente poder de atração incrível dos *jogos eletrônicos*. A troca intensa de informações entre consumidores e produtores possibilitou o rápido desenvolvimento de jogos altamente atrativos, os melhores passatempos do mundo! Esqueça o “telejogo” e o “Atari”. Sim, eles eram bons, mas o ponto é que a satisfação experimentada pelos jogadores de hoje se compara à **oportunidade de ser protagonista** de histórias incríveis, com roteiros e gráficos de tirar o fôlego, literalmente. Pense em sua novela ou filme favorito. Imagine, agora, que você tem a oportunidade de conhecer os personagens, influenciar a história e, por fim, resolver a trama! Não seria isso *incrível*? Pois é justamente *isso* que sentem os jovens. Adicione o tempero do compartilhamento e que podem jogar, simultaneamente, com vários amigos, sempre que quiserem! É algo maravilhoso, praticamente irresistível! Trata-se, por isso, de um desafio enorme para esses jovens desligarem-se dos jogos, que criam um sem número de verdadeiras culturas pop independentes, mas interligadas, e muito fortes.

Em último lugar, é preciso tratar das *redes sociais*. Não, elas não são apenas “um modo de falar com os coleguinhas”, mas

sim uma forma extremamente poderosa de *interação social*, muito rápida, muito intensa e sempre acessível. Duvidava-se do poder das redes sociais até que eclodiram as revoltas da “Primavera Árabe” no início de 2011. Nesses eventos políticos históricos, governos ditatoriais estáveis caíram em função da mobilização da população por meio de redes sociais. Ninguém (absolutamente nenhum analista político) previa que esses governos cairiam, pois a *humanidade* não sabia dimensionar o real poder dessas redes. E, como sabemos, um poder pode ser bem ou mal direcionado. No caso de nossos filhos, não podemos (nós e eles) subestimar o poder de uma interação social tão intensa e acessível. Precisamos, todos, aprender a viver em um mundo no qual o contato entre pessoas pode ser realizado de duas formas: presencial ou virtual. *Ambos* são modos de interação *essenciais* em nossa era.

Tudo isso serve para introduzir a preocupação com a educação a respeito do uso *da tecnologia*, ainda mais agora com aparelhos que nos mantém conectados. Como pais, precisamos ajudar nossos filhos a compreender os caminhos e descaminhos no uso dessas ferramentas. O mais difícil é que, geralmente, eles as conhecem muito mais do que nós! Como podemos *ensinar* sobre o que *não conhecemos*? O fato é que, se não tivermos *nada* para ensinar, eles vão aprender *sozinhos*. A floresta virgem, os novos continentes, com suas maravilhas e seus perigos serão por eles explorados, sem darem-se conta dos riscos. E nós, como faremos?

O significado de todos esses questionamentos é, antes do que fornecer uma orientação terminativa – “faça isso, não aquilo” –, levar os pais a, realmente, darem-se conta do *enorme* tamanho do desafio. Novamente, precisamos ser humildes

em relação a nossa ignorância e não reproduzir o modelo de educação que tivemos sem antes refletir, perceber, avaliar. Não vai adiantar apenas “cortar o computador desse menino que não estuda”: isso será apenas uma demonstração de desespero, provavelmente sem resultado além de um distanciamento. Cortar o computador não é somente tirar um “prazerzinho” de quem não merece, mas sim privar o filho de uma intensa e importante interação social. Seria, hoje em dia, equivalente a tirar o filho pelos cabelos de uma festa com os amigos. E é por isso que eles se revoltam tanto. Por isso, também, não entendemos toda essa fúria. Ao invés de retirar o computador, precisamos aprender (sim, nós também precisamos aprender!) a *restringi-lo numa boa medida*. Sim, temos poder legítimo para isso e devemos limitar o uso das tecnologias, se for necessário! Como isso poderá ser alcançado será assunto para os capítulos seguintes.

e) Expectativa de vida e mercado de trabalho

Uma questão ainda nem tanto evidente, mas igualmente fundamental, é sobre o que podemos esperar do futuro. O desenvolvimento de tecnologias está cada vez mais e mais acelerado. O problema é que essa velocidade está em um nível tão alucinante que chegamos a ter *dificuldade* em saber o que esperar do futuro. Afinal, como será o mundo daqui a 20 ou 50 anos? Essa é uma pergunta inescapável para quem educa, já que não basta ensinar o que sabemos (o que permitiu que construíssemos nossas vidas em décadas passadas): precisamos ensinar nossos filhos e filhas a como sobreviver nas *próximas* décadas. Ora, como isso é possível, se *não* sabemos como elas serão?

Um modo instrutivo de perceber a dificuldade dessa educação para o futuro é focar em um campo específico. Pensemos na expectativa de vida. Dizem que a expectativa de vida *ao nascer*, hoje em dia, no Brasil, é de cerca de 74 anos¹. Isso é uma previsão baseada na idade das pessoas que vêm a óbito em nosso país atualmente, no início desse século. Contudo, nesse espaço de tempo, em 74 anos, quantos avanços teremos na Medicina? O desenvolvimento de tecnologias na área da saúde é tão absurdo que se prevê que, em poucas décadas, dominaremos a arte de frear ou parar o envelhecimento, de duplicar órgãos (obter sua reposição indefinida e personalizada), de encontrar a cura de doenças hoje crônicas com tratamentos genéticos, de desenvolver cirurgias cada vez menos invasivas e mais efetivas, de repor tecidos por sintéticos equivalentes (e mesmo vantajosos), de utilizar a nanotecnologia para tratar doenças e fazer “manutenção” de nosso corpo e assim por diante. Todas essas tecnologias tendem a ter preços altos assim que surgirem, mas, com o passar do tempo, a tendência deve ser do seu barateamento. O caso é semelhante a outras tecnologias que, antes, tinham preços proibitivos, como celulares, acesso à internet sem fio, televisores de LCD: como rapidamente se tornam obsoletos, *seu custo cai rapidamente*, de forma vertiginosa. Dito de forma breve, hoje em dia é praticamente impossível prevermos qual será a expectativa de vida real dos seres humanos daqui a 50 anos! Provavelmente, teremos tecnologia para manter uma pessoa vida – talvez com qualidade, se encontrarmos e tratarmos as causas do envelhecimento com “reposição de peças” – por um tempo *indefinido!*

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo 2011.

Essa é a primeira geração da humanidade que, por causa da tecnologia vertiginosa, não pode mais medir sua expectativa de vida ao nascer observando os óbitos atuais, já que entre o nascimento e a morte dos indivíduos as técnicas desenvolvidas poderão levá-los a viver *indefinidamente!*²

Vale notar que, mesmo hoje sendo tudo isso ainda uma ficção, essa é a primeira geração de pessoas que precisará conviver com o fato de *não saber quanto tempo efetivamente viverá*. Serão 70, 100 ou 150 anos? Mais que isso? Como será nossa vida cotidiana se isso ocorrer? E a estrutura familiar, namoro, divórcio, filhos, netos, tataranetos? Como será o mercado de trabalho, transporte, produção de energia? Pensemos, agora, como era há 70 anos atrás: saúde, família, entretenimento, trabalho. Todos mudaram! A tendência é que mudem ainda mais nos próximos 50 anos. Isso é fato.

E, falando em mercado de trabalho, é fácil notar que não podemos preparar nossos filhos para terem uma profissão definida, compartimentada. Já notamos como as áreas profissionais se sobrepõem, como a mera especialização não garante espaço. Hoje, já é preciso saber “de tudo um pouco”, para perceber novas oportunidade, fugir dos becos sem saída que, há 30 anos, podiam ser campos profissionais sólidos. É preciso saber, fundamentalmente, como buscar novas soluções para novos desafios. Não basta uma alta formação acadêmica se o profissional não souber lidar com situações que requerem a

² Como atalho a esse cenário, recomendo as seguintes fontes: *Revista Superinteressante*, Você pode ser imortal, fev/2010, disponível em: <<http://super.abril.com.br/ciencia/voce-pode-ser-imortal-535997.shtml>>; a fala de Dhaval Chadha no TEDx Porto Alegre, em novembro de 2010, disponível em: <<http://vimeo.com/21444709>>; e em especial o excelente documentário *Visões do Futuro*, com o Prof. Michio Kaku e produzido pelo History Channel, disponível em português em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NSdtoaVR6xk>> (há um livro com o mesmo nome, da Editora Rocco, 2001). Para uma referência específica, tem-se a descoberta da droga Rapamicina, que interfere na atividade da proteína TOR em mamíferos (mTOR), comprovadamente retardando o envelhecimento (Cf. *Scientific American Brasil*, Nova rota para longevidade. fev/2012, pp. 32-9).

percepção de como fazer *diferente*. Em outras palavras, esse mundo de tantas mudanças, que tornam incertas até mesmo o tempo que temos de vida, requer que formemos pessoas com *autonomia*, principalmente no campo do aprendizado. É preciso formar agentes capazes de perceber no mundo as mudanças que estão ocorrendo e que se adiantem a elas, com decisões acertadas, prudentes, mas também ousadas. Esse é o grande desafio que o século XXI coloca para a educação.

f) Autonomia no horizonte

O que significa formar pessoas com *autonomia*? Essa pergunta será respondida de forma mais própria no Capítulo 4. Por hora, vale notar que a educação que temos disponível em nossas escolas não pode bastar. Não será útil também apontar o dedo para elas e culpá-las: estamos falando aqui de toda uma cultura que, pela primeira vez em nossa história, é desafiada. Trata-se da cultura de que, para ser um cidadão preparado para sua vida, basta saber como o mundo é e como lidar com as situações que ele apresenta. É uma educação que pressupõe que a sociedade futura na qual viverá o filho será semelhante àquela em que o pai e o avô viveram. Nesse cenário, *já antigo*, se as crianças aprenderem certos conteúdos específicos, deverão conseguir lidar com os desafios previstos, pelo menos a grande maioria deles.

Entretanto, no século XXI, como vimos, as mudanças tendem a ser radicais, pelo poder incrível das tecnologias que inovam nosso cotidiano ano após ano. Ensinar os jovens sobre como foi o mundo passado pode ser instrutivo e importante, mas *não bastará*. Mais do que conteúdos específicos, eles deverão desenvolver *habilidades* para lidar com as mudanças e

oferecerem soluções. A mais fundamental dessas será a capacidade de *aprender por conta própria* qualquer conteúdo novo que surja e, ao final, ser capaz de *propor novas soluções*. Isso é o que pode ser chamado de “autonomia no aprendizado”. Pensemos em um aluno que só tirou notas máximas durante toda sua vida escolar. Do que adiantará todo esse conhecimento, essa capacidade de absorção e reprodução do que lhe ensinam, se ele for incapaz de, por conta própria, aprender novos conteúdos e propor soluções? Provavelmente, tal estudante terá uma vida profissional *limitada* a fazer o que lhe pedem para fazer, *nunca* poderá ocupar posição de chefia ou *liderança*, pois lhe faltará autonomia para *guiar-se* em uma época de transformações ininterruptas. A solução será ensinar-lhe a *aprender sozinho*, ensinar a tomar a frente quando o assunto for conhecimento, estimular sua criatividade, fazer com que use o que sabe para criar o novo.

A educação *precisa* ter como Norte o desenvolvimento da autonomia no aprendizado. Esse deve ser o horizonte de toda a educação, seja escolar, seja aquela que damos em nossos lares. *Sem* autonomia, teremos sempre uma criança, um jovem e um adulto passivo e *vulnerável*. Como veremos, será possível utilizar a busca do bom desempenho escolar como ocasião para desenvolver a autonomia em nossos filhos. Isso requererá, também, que os pais estejam abertos para eles crescerem com os desafios que se apresentarem.

* * *

Diante de um cenário tão complexo, não podemos dizer que estudar é obvio, porque não sabemos como transcorrerá o sécu-

lo XXI. Não podemos nem mesmo medir o impacto futuro das tecnologias que nossos filhos usam hoje com tanta desenvoltura. Assim, a missão dos pais e educadores *não é simples*. Talvez possa ser dito que é a mais difícil de todas! Reconhecer essa dificuldade é, também, o primeiro passo para pensar em como podemos fazer diferente. O segundo, será entrar mais a fundo na vida das crianças e jovens, entendendo como veem o estudo e por que o deixam de lado tão facilmente.